

FERRAMENTAS VIRTUAIS DEMOCRATIZAM DISCUSSÃO POLÍTICA

Se o fenômeno da campanha eletrônica de Barack Obama despertou a atenção dos políticos brasileiros, por aqui eles ainda estão aprendendo a usar a internet para efetivar um canal de comunicação com os eleitores. Poucos aplicam as ferramentas de forma articulada, preferindo noticiar atividades em websites sem interatividade com os internautas.

Para o cientista político Sérgio Braga, professor da Universidade Federal do Paraná e especialista em comunicação política pela internet, o fato de políticos estarem ocupando espaço em sites, blogs, microblogs é um bom sinal, mas ainda falta muito para que aprendam a usar de forma inteligente. "Esses espaços devem servir para que ele fidelize o eleitor, colocando seus posicionamentos políticos, anunciando como votou ou como pretende votar em determinada matéria, permitindo essa transparência com o eleitor.", diz. Para o professor, é um erro de estratégia enviar mensagens de cunho mais pessoal, por exemplo, quando se trata de um político conhecido, que deve ser claro em suas intenções.

Braga concluiu que os políticos usam pouco, e mal, os meios eletrônicos. Não articulam notícias com vídeos, não permitem a criação de redes de mobilização em torno de temas de interesse público, não usam a internet para expressar propostas e opiniões em uma forma que não cabe em outras mídias, como jornal e rádio. "O uso da internet ainda engatinha na América do Sul pois os políticos não usam a potencialidade que o meio oferece".

Alguns exemplos que fogem dessa regra são os sites de campanha do prefeito reeleito Gilberto Kassab (DEM) de São Paulo, e do prefeito curitibano Beto Richa (PSDB), que permitia envio de vídeos e de fotografias pelo site de campanha. A grande vantagem do meio virtual, segundo Braga, é o baixo custo, que barateia não só a alimentação da mídia como o acesso. "Dizer que só classe média teria acesso ao diálogo eleitoral on-line é coisa ultrapassada. Os vídeos mais acessados no YouTube no Brasil, por exemplo, são de RAP, uma expressão bem popular. Hoje você tem acesso em lan houses e celulares", diz. O que muda, na opinião do cientista político, é que será preciso ser cada vez mais propositivo, já que lideranças tradicionais tendem a perder espaço nesse novo tipo de comunicação com eleitores.

A democratização do debate também é o argumento a favor da liberação da campanha pela internet defendido por Eneida Desirré Salgado, professora de Direito Eleitoral da Universidade Federal do Paraná. Ela diz que os meios virtuais podem, quando gratuitos e acessíveis a todos, contribuir para um debate mais igualitário de forma mais eficiente, já que a espetacularização da política esvazia o debate, colocando slogans e imagens no lugar de conteúdo e propostas. "É difícil controlar abusos na internet, mas ofensas, ou coisas dessa natureza, a legislação atual já dá conta", diz.

O coordenador de Projetos da Transparência Brasil, Fabiano Angelico, considera potencialmente positivo a entrada dos políticos na arena virtual. "É uma tendência mundial, mas depende do uso que se faz." Segundo ele, ferramentas on-lines, como o

Twitter, aproximam o eleitor de seus representantes, mas é preciso que as pessoas encarem o uso do serviço de forma crítica. “É preciso que as pessoas façam perguntas relevantes e compreendam que a ferramenta não está sendo usada pelo político de maneira espontânea”, diz Angelico. “Eles (os políticos) estão interessandos em falar, mas não em ouvir. É importante que a sociedade se faça ouvir, porque essa ferramenta predispõe a troca.”

Nessa perspectiva, o jornalista Marcelo Soares, comentarista político do Notícias da MTV criou um bordão para o uso do Twitter feito por políticos: “Não siga os políticos no Twitter. Fique na cola deles.” Soares explica que a distância entre o representante eleito e o eleitor é muito distante e as novas mídias podem diminuir-la. Mas, diz ele, para que isso ocorra, é preciso que os políticos passem a responder às perguntas dos eleitores. “A partir da interação, a sociedade pode tentar virar o feitiço contra o feiticeiro, pois o político tem de ouvir e responder o cidadão.”

Fonte: Gazeta do Povo, por Daniela Neves e Rhodrigo Deda em 14/06/2009.